

A SAÚDE DO CUIDADO: UMA ANÁLISE DO TRABALHO E DA SAÚDE MENTAL DE CUIDADORAS DE IDOSOS

Lorena Maíra dos S. Carvalho (Una Sete Lagoas- MG); Nubia Hadassa França Ferreira de Carvalho (Una Barreiro), Isabela Viana Dutra (Uni-Bh-MG), Julia Lopes Inácio (Faculdade São Judas-SP), Leandro Dornas Felício (Una Barreiro), Fabiana Goulart de Oliveira (Dra.)

RESUMO

O cuidado de idosos é um trabalho importante que tem crescido na sociedade atual, devido ao envelhecimento populacional. Trata-se de um trabalho marcado por relações de gênero, raça e classe social e que no Brasil, mistura-se com o trabalho doméstico e não remunerado. Essa pesquisa buscou identificar diferentes configurações profissionais no trabalho do cuidado, bem como os desafios enfrentados por essas trabalhadoras e os possíveis impactos à saúde mental destas. A coleta de dados foi feita através de questionários e entrevistas semiestruturadas. Ao todo, 59 pessoas participaram do estudo. Os resultados mostraram que 94,5% das pessoas que realizam o cuidado são mulheres, 80% são pretas e pardas e mais de ¼ das trabalhadoras não possuem nenhum contrato formal de trabalho. O estudo aponta a necessidade de um debate amplo entre sociedade e do Estado no sentido construir uma política do cuidado capaz de garantir o acesso à população idosa e ao mesmo tempo o reconhecimento daqueles que exercem o trabalho do cuidado.

Palavras-chave: trabalho do cuidado; cuidado de idosos; saúde

INTRODUÇÃO

O cuidado de idosos é um trabalho importante que tem crescido na economia de serviços. Além do envelhecimento populacional, a inserção das mulheres no mercado de trabalho cria uma demanda por serviços de cuidados profissionais remunerado e não remunerado. No período de 2010 a 2022, o número de idosos no Brasil aumentou em 57,4% (IBGE, 2023) e a quantidade de familiares que se dedicavam ao cuidado de indivíduos de 60 anos ou mais saltou de 3,7 milhões em 2016 para 5,1 milhões em 2019 (Nery, 2020).

Como mostra Hirata (2022), no mundo todo, o cuidado às pessoas mais dependentes recai sobre as mulheres, na qualidade de esposas, mães e irmãs. É uma função que nem sempre recebe compensação financeira e não é contabilizada no cálculo do Produto Interno Bruno (HIRATA e GUIMARÃES, 2012). No Brasil, o trabalho do cuidado se confunde ao trabalho doméstico e ao

trabalho não remunerado, destacando a necessidade de analisar a divisão sexual do trabalho do cuidado, tanto no âmbito familiar quanto nas instituições de cuidado.

Além dos cuidados de higiene e com o corpo biológico, o trabalho do cuidado, geralmente, requer competências ou estratégias psíquicas e emocionais para lidar em situações de vulnerabilidade social. Diante da falta de recursos e da fragilização ou ausência de um coletivo de trabalho, o desgaste e/ou adoecimento mental desses trabalhadores se apresenta. A sensação de impotência frente o sofrimento da pessoa atendida, as limitações socioeconômicas, as violências e abandono familiares, entre outras situações vivenciadas frequentemente são fonte de sofrimento para esses trabalhadores.

Diante deste contexto, este estudo buscou identificar diferentes configurações profissionais no trabalho do cuidado, bem como os desafios enfrentados por esses trabalhadores e os possíveis impactos à saúde mental destes trabalhadores.

METODOLOGIA

Esta pesquisa, de caráter exploratório, foi desenvolvida no âmbito do Programa Pró-Ciência/2024. A partir de uma revisão bibliográfica, foi construído um questionário composto por 23 perguntas destinado a identificar o perfil dos trabalhadores e analisar características da organização e das condições de seu trabalho. Os questionários foram estruturados na ferramenta online *google forms* e o link de compartilhamento foi encaminhado diretamente para trabalhadores do cuidado, mobilizados por meio da divulgação da pesquisa em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e em redes de contato dos pesquisadores envolvidos no estudo. A estratégia de "bola de neve" também foi utilizada, permitindo que cada respondente indicasse outros cuidadores interessados em participar da pesquisa. Além dos questionários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de aprofundar os dados. O estudo contou com a participação de 61 pessoas, no entanto a análise dos questionários considerou apenas a resposta de 59 pessoas que estavam atuando como cuidador no momento da pesquisa.

A pesquisa abrangeu trabalhadores de cinco estados brasileiros, sendo a maior parte atuantes no estado de Minas Gerais, conforme mostra a planilha a seguir:

Estado	Cidades de atuação dos participantes
---------------	---

Minas Gerais	Belo Horizonte, Sete Lagoas, Prudente de Morais, Contagem, Itanhaém, Serra Negra, Caetanópolis, Divinópolis, Formiga, Piumhi,
São Paulo	São Paulo, Amparo, Hortolândia, Paulínia, Natal, Campinas, Jaguariúna.
Rio de Janeiro	Rio de Janeiro, Mesquita
Espírito Santo	Colatina e Vila Velha
Rio Grande do Norte	Governador Dix-Sept Rosado

Figura 1 - Distribuição dos participantes por Estados e cidades brasileiras

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa analisou as respostas de 59 trabalhadores que, no momento do estudo, estavam atuando em serviços de cuidado a idosos. Os resultados mostram que 94,5% dos participantes são mulheres. Conforme afirma Ceccon *et al* (2021), essa distribuição reflete “as desigualdades de gênero presentes na sociedade, historicamente constituídas por relações de poder assimétricas entre os sexos”.

A idade dos participantes variou de 17 a 60 anos, sendo que 44,6% tem entre 40 a 59 anos, 39,3% entre 20 e 39 anos e 3,6% tinham menos de 20 anos. Apenas 1,8% tinham 60 anos ou mais.

A análise da variável racial dos respondentes revelou que a maioria desses profissionais pertencem a grupos raciais historicamente marginalizados no Brasil. 60% das pessoas declararam-se pardas, 20% pretas e 17% brancas.

A maior parte das cuidadoras, 44%, estão casadas ou em união estável, 34% são solteiras e 3,4% são viúvas. 64,5% das respondentes disseram que concluíram o ensino médio, e 5,3% já concluíram ou estão cursando o ensino técnico em enfermagem.

No que diz respeito ao tempo do exercício do trabalho como cuidador de idosos, 47,5% exercem a atividade há mais de cinco anos.

A carga horária declarada por 49% dos trabalhadores que responderam a pesquisa é de 40h a 44h semanais e a remuneração predominante é de um a

dois salários mínimos. Nas entrevistas, observou-se que muitas pessoas que trabalham em regime de turnos 12/36, utilizam-se da sua folga pra realizar outras atividades remuneradas seja no serviço de cuidado ou outros. Nesses casos, algumas pessoas chegam a trabalhar 80 horas por semana.

Do total de trabalhadores que participaram da pesquisa, 48% disseram que realizam o cuidado predominantemente na residência do idoso ou de algum familiar e 30% em instituições de longa permanência (ILPIs).

Pouco mais da metade dos participantes (54,5%) disseram que possuem contrato com registro em carteira – CLT. 10,9% prestam serviço como pessoa jurídica e 27,3% não possuem contrato formal de trabalho, embora 94% são cuidadores tenham se identificado como cuidadores profissionais e apenas 7% cuidadores familiares.

Entre os principais desafios citados no trabalho do cuidado, destacaram-se: o relacionamento com os idosos, o relacionamento com os familiares do idoso, o cansaço físico e mental, a falta de reconhecimento, a carga horária alta, as demandas (afetivas) de trabalho, o enfrentamento do luto de um idoso e os “desvios de função” que acontecem especialmente quando os serviço é prestado no âmbito doméstico. Algumas trabalhadoras se ressentem por não conseguirem atender as demandas afetivas e emocionais (sentar-se ao lado, conversar, passear, escutar histórias), em função da sobrecarga de tarefas domésticas, (como limpar, lavar, cozinhar) definidas pela família.

Entre os respondentes, 40% afirmaram possuir pelo menos uma doença crônica. 38,9% relataram hipertensão arterial sistêmica (HAS), 25% apontaram doenças osteomusculares, condições comuns em atividades que exigem esforço físico. 8,3% relataram doenças respiratórias e 8,3% afirmaram ter algum tipo de transtorno mentais.

A maioria dos participantes (69,4%) afirmou fazer uso regular de medicamentos. Dentre os mais comuns destacam-se os antidepressivos (16,7%), os anti-hipertensivos (16,7%), os ansiolíticos (5,6%), os anticonvulsivantes (5,6%), os antipsicóticos (5,6%) e o uso de relaxante muscular (2,6%) e antiácidos (2,6%).

A maioria dos participantes (67,8%) relatou sentir-se cansado ou estressado com frequência; mas 27,1% afirmaram que raramente experimentam esses sentimentos, enquanto 1,7% disseram nunca se sentir cansados ou estressados.

Quando questionados sobre as formas que esses trabalhadoras utilizam para descansar, 3,5% afirmaram que não conseguem descansar. 25,5% disseram que dormem, 13,9% assistem TV, filmes e séries e 9,3% descansam na companhia de família e 7% utilizam a atividade física para descansar. Outras estratégias citadas foram ficar em casa, ler, comer, estar na companhia de animais domésticos, estar no trabalho, passear, tomar uma bebida alcoólica.

Os dados obtidos indicam que a maioria dos cuidadores de idosos não se sentem plenamente reconhecidos ou valorizados em sua atividade profissional: 20,3% dos respondentes relataram sentir-se valorizados com frequência, enquanto 55,9% afirmaram sentir-se reconhecidos apenas ocasionalmente e 23,7% declararam não se sentir reconhecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender diversas configurações do trabalho do cuidado e alguns desafios enfrentados por essas trabalhadoras sobretudo no campo da saúde mental. Os dados apresentados revelam a enorme desigualdade de gênero e raça presente no trabalho do cuidado. Além disso, o baixo retorno financeiro e as altas cargas de trabalho refletem a falta de visibilidade e as precárias condições de trabalho enfrentadas pelas trabalhadoras.

Uma das lacunas dessa pesquisa se apresenta na falta de dados mais aprofundados sobre o trabalho real do cuidado em função das dificuldades de acesso a esses trabalhadores. Muitos deles se recusaram a participar das entrevistas, alegando falta de tempo. Acreditamos que o espaço do cuidado, sobretudo quando se desenvolve num âmbito privado, estabelece limites para a expressão de conflitos em função da desigualdade de poder estabelecidas.

O estudo aponta a necessidade de um debate amplo entre sociedade e do Estado no sentido construir uma política do cuidado capaz de garantir o acesso à população idosa e ao mesmo tempo o reconhecimento daqueles que exercem o trabalho do cuidado.

FOMENTO

Os alunos da graduação foram contemplados com “Pró-Ciência 2024/1 - Ecossistema Ânima [Pró-Ciência]”.

REFERÊNCIAS

FRASER, Nancy. Contradições entre Capital e Cuidado in: Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 27, n. 53, maio - ago. 2020. Disponível em file:///D:/Users/Dell/Downloads/luirophilipedecaux,+263_Completo+corrigido.pdf

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo. Cuidado e Cuidadoras – As Várias Faces do Trabalho do Care. 2012. Editora Atlas S.A. São Paulo

HIRATA, H. O cuidado. Teorias e práticas. São Paulo. Ed. Boitempo, 2022.

HIRATA, H. O trabalho de cuidado aos idosos no Japão e alguns aspectos de comparação internacional. *MEDIAÇÕES*, LONDRINA, v. 17 n. 2, p. 157-165, Jul./Dez. 2012.

CECCON, R.F. et al. Envelhecimento e dependência no Brasil: características sociodemográficas e assistenciais de idosos e cuidadores. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QjLJcbQ6YzPQNWhBXmsWCVs/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

NERY, C (2020). Com envelhecimento, cresce número de familiares que cuidam de idosos no país. Agencia IBGE notícias Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27878-com-envelhecimento-cresce-numero-de-familiares-que-cuidam-de-idosos-no-pais>